

Retratos da Deficiência no Brasil

Marcelo Neri

com a colaboração de:

Alexandre Pinto

Wagner Soares

Hessia Costilla



“Retratos da Deficiência no Brasil é uma obra realizada pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas que integra o Programa Diversidade, desenvolvido pela Fundação Banco do Brasil”.

Retratos da deficiência no Brasil (PPD) / Marcelo Neri
...[et al.]. - Rio de Janeiro : FGV/IBRE, CPS, 2003.
250 p.

1. Deficientes - Brasil. 2. Discriminação contra o
deficiente - Brasil. 3. Inclusão social - Brasil. 4.
Deficientes - Mercado de trabalho - Brasil. I. Neri,
Marcelo Cortes. II. Fundação Getulio Vargas. Instituto
Brasileiro de Economia. Centro de Políticas
Sociais.

© 2003 CPS/IBRE/FGV 2003
todos os direitos reservados

CDD - 362.4

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução

- **Organização**

Capítulo 2: Retratos da Deficiência

- **Retratos Antigos da Deficiência: A Evolução do Conceito no Tempo**
 - Inquéritos 1872, 1900 e Censo 1920**
 - Censo de 1940**
 - PNAD 1981**
 - Censo 1991**
 - PNAD 1998**
 - PCV / SEADE 1998**
- **Retrato de Alta Definição: O Censo 2000**
- **Retrato Panorâmico da Deficiência**
- **Retrato Panorâmico da Percepção de Incapacidade**

Capítulo 3: Mapas da Deficiência

- **Análise de correlações entre Dados Espaciais**
- **Tabelas Espaciais**
- **Mapa da Diversidade**
- **Mapa de Ativos**
- **Mapa de Rendas**
- **Mapa da Pobreza**
- **Análise da Desigualdade**
 - Decomposição da Desigualdade de Renda**
 - Diferenciais de Salário**

Capítulo 4: Inclusão Social e Políticas Setoriais

- **Saúde**
- **Educação**
- **Esporte, Lazer e Cultura**
- **Família**
- **Ambiente Físico e Transporte**
- **Ações Compensatórias**

Capítulo 5: Inclusão Empregatícia Formal

- **Retratos da Inclusão Empregatícia Formal das PPDs**
- **Diferenciais de Salário**
- **Lei de Cotas: Conjunto de Leis Trabalhistas para as Pessoas com Deficiência**
- **Análise Multivariada: Avaliação Empírica do Sistema de Cotas**
- **Efetividade e Potenciais Impactos da Lei de Cotas**
- **Políticas de Inclusão Trabalhista**

Capítulo 6: Conclusão

Bibliografia

Apresentação

Fundação Banco do Brasil **Conhecer, divulgar e transformar**

Contribuir com a transformação social do país através do desenvolvimento de programas em diversas áreas, como educação, saúde, geração de trabalho e renda, meio ambiente e inclusão social. Este é o trabalho da Fundação Banco do Brasil que, em 15 anos de atividade, esteve presente com suas ações em mais de 2,3 mil municípios brasileiros. Atualmente a instituição pode convocar o testemunho de mais de 700 municípios que contam com pelo menos um de seus 10 programas sociais e de cerca de 3,2 milhões brasileiros – somente em 2002 - beneficiados por suas ações.

Tão diversos quanto os produtos do seu instituidor e tão abrangentes quanto a rede de agências Banco do Brasil, os programas da Fundação atendem diferentes públicos: de crianças e adolescentes com câncer a pequenos empreendedores urbanos e rurais, de estudantes da rede pública de ensino a jovens e adultos que não tiveram a oportunidade da alfabetização.

Com ações continuadas, a Fundação investe na identificação de processos que possam ser replicados em diversas comunidades. A prática do investimento social e o apoio e disseminação de soluções auto-sustentáveis se alinham à política estrutural do programa Fome Zero, tanto na geração de renda quanto na produção de alimentos.

No âmbito da inclusão social, a Fundação tem buscado discutir a noção de diversidade. Sinônimo de riqueza e de valorização das relações humanas, o tema é também um princípio básico da cidadania, na medida em que todos os cidadãos devem ter o direito de desenvolver suas potencialidades.

Nesse contexto, a instituição decidiu criar o seu programa Diversidade, cujo foco de ação priorizado foi a pessoa portadora de deficiência. Traçar um retrato fiel de 24 milhões de brasileiros – de acordo com os dados apurados pelo Censo 2000 - requereu o

estabelecimento de parcerias. O objetivo era claro: produzir um trabalho que contribuísse para a promoção da inclusão social de segmentos estigmatizados através da articulação, geração e disseminação de conhecimento.

O lançamento da publicação *Retratos da Deficiência no Brasil* é o resultado desse trabalho, que busca expor a realidade e os números que desvendam o universo das pessoas portadoras de deficiência.

Nesse sentido, o *Retratos da Deficiência no Brasil* aborda, entre outras coisas, as condições de moradia e a distribuição geográfica, os níveis de capacitação profissional e o nível de renda, o acesso aos serviços públicos e privados, a expectativa e a qualidade de vida das pessoas portadoras de deficiência.

Com essa pesquisa, realizada a partir da geração e compilação dos dados estatísticos e de levantamento bibliográfico disponíveis sobre a deficiência, a Fundação Banco do Brasil acredita colaborar com a redução da desinformação e do preconceito que norteiam o tema, incentivar novas pesquisas, fomentar a discussão da diversidade e contribuir para uma mudança cultural da sociedade.

Mais do que formas de representar pessoas, coisas e situações, os retratos têm o poder de despertar, conscientizar, retratar, mobilizar e corrigir. *Retratos da Deficiência no Brasil* chegou para isso. Afinal, a diversidade inclui todo mundo - inclui você.



Jacques Pena

Presidente

Fundação Banco do Brasil

Apresentação

Fundação Getulio Vargas

Há mais de meio século, quando o inesquecível Luiz Simões Lopes, com seu idealismo, e perseverança, conseguiu lançar a idéia da criação de uma entidade voltada ao preparo de pessoal qualificado para a administração pública e privada, logo ao ser ela implantada e aprovado seu estatuto, expandiu-se o seu objetivo: do campo restrito da administração passou ao mais amplo das ciências sociais; não se limitou ao ensino e estendeu-se também à pesquisa e à informação.

A Fundação Getulio Vargas, desde 1944, incorpora de maneira contínua tecnologia, pesquisa científica, gestão de informação e capacitação acadêmica e profissional na sua prestação de serviços para a sociedade brasileira. A missão da FGV é “Avançar nas fronteiras do conhecimento na área das Ciências Sociais e afins, produzindo e transmitindo idéias, dados e informações, além de conservá-las e sistematizá-las, de modo a contribuir para o desenvolvimento sócio-econômico do país, para melhoria dos padrões éticos nacionais, para uma governança responsável e compartilhada e para a inserção do país no cenário internacional.”

Criado em 1951, o Instituto Brasileiro de Economia funciona como *Think Tank* da Fundação Getulio Vargas. É responsável pelo levantamento dos dados que servem de base para o cálculo dos índices de preço mais utilizados no país. Foi o IBRE que, pela primeira vez, contabilizou o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

O IBRE é composto pelos seguintes setores: *DGD - Divisão de Gestão de Dados*, que engloba os núcleos de estudos de preços, custos e estatísticas; *CPS - Centro de Políticas Sociais*; *CEA - Centro de Estudos Agrícolas*; *COOP - Coordenadoria de Projetos*; e Divisão de Publicações e Eventos, responsável pela publicação das revistas *Conjuntura Econômica* e *Agroanalysis* e pelo desenvolvimento e realização de seminários onde grandes questões econômicas nacionais e internacionais são discutidas e analisadas.

O Centro de Políticas Sociais (CPS) é a área da Fundação Getúlio Vargas que busca estreitar as relações entre a pesquisa aplicada e a implantação de políticas de inclusão social. O CPS busca através da geração de estatísticas e análises, do levantamento de pesquisas de campo, do processamento de microdados, do treinamento de gestores e da participação ativa no debate público contribuir para o desenho e implementação de iniciativas sociais, públicas ou privadas, setoriais ou gerais, a níveis nacional, local ou internacional. O CPS disponibiliza seus estudos e estatísticas através de artigos em jornais e revistas e de textos acadêmicos tornados públicos em revistas especializadas, congressos e seminários.

As pessoas com deficiência possuem limitações físicas ou mentais que muitas vezes não as incapacitam, ou provocam desvantagens para determinada atividade, mas geram estigmas individuais e coletivos. Essas deficiências sociais se apresentam como desvantagens, uma vez que estereótipos e discriminações impedem que a pessoa com deficiência tenha vida normal em sociedade. Uma das principais fontes de preconceitos é a desinformação existente acerca das potencialidades, desejos e dificuldades, deste grupo da população. Ajudar a preencher esta lacuna constitui a principal contribuição da presente pesquisa.

Carlos Ivan Simonsen Leal

Presidente da Fundação Getúlio Vargas

Agradecimentos

Para concretizar esse trabalho, a Fundação Banco do Brasil e a Fundação Getúlio Vargas contaram com o importante apoio de diversas pessoas e instituições.

Aos profissionais e voluntários, aos dirigentes de organizações governamentais e não governamentais e aos incentivadores que possibilitaram revelar através de pesquisas os Retratos da Deficiência no Brasil, queremos registrar nosso muito obrigado.

Em especial, agradecemos à Secretaria Especial de Desenvolvimento Humano, ao Conade, à Corde, ao IBGE, à Rede Saci/USP, ao Ministério Público, ao Instituto Guga Kuerten, ao IPEA, ao Senac Terceiro Setor, à OIT Brasil, à Escola de Gente, à Andi, à Fundação Maurício Sirotski Sobrinho, ao Instituto Anis, ao Instituto Laramara, à Revista Sentidos, à UFRJ/NCE, ao Ceal, à Fundação Catarinense de Educação Especial e à APABB. O comentário de Maria Teresa Mantoan e Eugênia Augusta Gonzaga Fávero foi de fundamental importância no fechamento da pesquisa, a elas o nosso muito obrigado.

À diretoria da Fundação Banco do Brasil, e em particular a Carlos Frederico Vieira, à Cristina de Albuquerque Berçot, à Dulcejane de Souza Vaz e à Gleice Assumpção.

A Maurício de Faria, Iracema de Moraes e Carlos Henrique Marcondes, a Luis Gonzaga Leite, Sérgio Herdy, Evelyse Mendes, Marieta Ferreira, Bertholdo Monteiro e José Gil Dieguez agradecemos pelo apoio no desenvolvimento da pesquisa.

A todos os demais integrantes da equipe do CPS, em particular à Alessandra Pieroni, Cristiane Soares, Fabiano Giovanini, Hugo Simas, Juliana Leite, Luisa Carvalhaes, Raquel Luzente, Renata Pedro e Samanta Monte. A Marcos Côrtes e Ana Paula Pereira Lopes pelo exemplo de vida.

Agradecemos, enfim, a todas as pessoas e instituições que efetivamente apoiam o programa Diversidade e a inclusão social.

Prefácio

O *azul, branco e vermelho* está associado aos ideais da revolução francesa: solidariedade, igualdade e fraternidade. Agora se fosse para associar atributos ao nosso verde e amarelo, o que você escolheria?

Eu diria diversidade e desigualdade. Desigualdade é uma marca brasileira que tem passado incólume ao longo dos séculos. Amarelo do ouro extraído, inicialmente por índios, depois por africanos, os últimos escravos do hemisfério ocidental a serem libertados. Somos o país mais desigual do continente mais desigual do planeta. Estamos a pelo menos três décadas no podium mundial da iniquidade de renda.

Já a diversidade brasileira está em cada um, tendo sido comparada a um caldeirão fervente mesclando etnias, crenças e religiões. A toda hora repetimos, como se para convencer a nós mesmos, que aqui não existe discriminação. Na nossa pseudo-democracia racial todos tem mesma cor, digamos verde de vários tons. Verde que te quero verde da diversidade das nossas matas. Verde uma cor secundária, resultado da combinação do amarelo com o tudo azul, captaria a amálgama da diversidade brasileira. Só que no Brasil, os verdes mais escuros costumam morar em barracos e subir no elevador dos fundos dos prédios dos verdes claros.

O combate à pobreza e à desigualdade passa por reconhecer diferenças e impedir que estas diferenças se traduzam em desigualdades. Diversidade não deve ser sinônimo de adversidade para os diferentes. O que pode ser feito para colocar os grupos historicamente excluídos como mulheres negras e/ou deficientes em situação de igualdade com o restante da população? São válidas políticas que usem a desigualdade inicial para conseguir a equidade? Isto significaria tratar os desiguais na medida da sua desigualdade. Mas para isto a sociedade precisa conhecer em profundidade cada grupo excluído. A deficiência de conhecimentos é particularmente alta em relação ao grupo de pessoas com deficiência.

Existem diferenças entre grupos do tema diversidade. A deficiência é uma característica adquirida assim como, por exemplo, a pobreza ou a idade, já gênero e raça são atributos fixos. Toda pessoa é passível de adquirir alguma deficiência física ou mental ao longo do seu ciclo de vida. A proteção social neste caso está também ligada à noção de risco de qualquer adquirir alguma deficiência. Este aspecto contrasta com políticas sociais ligadas a outros grupos excluídos como afro-descendentes quando

falamos de mudanças distributivas. O tratamento das políticas públicas à questão da deficiência está relacionado a um seguro social de caráter universal.

O grupo de pessoas com deficiência é pioneiro em algumas conquistas sociais. Por exemplo, enquanto a sociedade brasileira começa a debater a implementação de cotas para afro-descendentes, já existe uma lei de cotas em operação para pessoas com deficiência. A política de assistência social constitui outro exemplo do pioneirismo das pessoas com deficiência, a Constituição brasileira garante um salário mínimo mensal às pessoas com deficiência que são miseráveis. A análise dessas políticas sociais pode gerar lições relevantes não só para as pessoas com deficiência como para outros grupos do tema diversidade. Agora, o pioneirismo significa a necessidade constante de aprimorar políticas.

Esta monografia traça um retrato do universo das pessoas com deficiência, cuja temática responde a perguntas tais como quantos são, quem são, onde moram, o que fazem. A partir do diagnóstico propomos alternativas de políticas de inclusão social, passando por diferentes canais de inserção como escola, saúde, família, transferências de renda, até a sua inclusão trabalhista, anseio de todo cidadão. O leitor está convidado a explorar o extenso banco de dados disponibilizado, com estatísticas, leis e referências bibliográficas de forma a permitir a cada um elaborar os seus próprios retratos das pessoas com deficiência.

A principal característica da pesquisa é a sua multidimensionalidade uma vez que abordamos diversos tipos e graus de deficiência combinados com uma variedade de atributos sócio-demográficos e políticas associadas usando múltiplas bases de dados referentes a momentos distintos, isto num país de dimensões continentais com níveis de desigualdade e heterogeneidade do Brasil. Esta complexidade deve ser resumida para que possamos dar conta da floresta sem perder de perspectiva a diversidade de suas árvores¹.

A abordagem aqui adotada é baseada na aplicação de técnicas empíricas a dados estatísticos, em particular através do processamento de uma formidável coleção de microdados, correspondendo às respostas de dezenas de milhões de brasileiros efetivamente entrevistados ao longo de décadas. Na apresentação dos resultados fomos fiéis aos termos usados nos questionários de cada época em que os mesmos foram

¹ Um verso do *Dharma Body of the Buda* diz: rosas, rosas, rosas; as flores são fáceis de pintar; as folhas difíceis. As pessoas em seus infinitos nuances são mais difíceis e desafiadoras de retratar do que folhas, árvores ou florestas.

aplicados. Como os primeiros dados analisados datam desde antes da abolição da escravatura no país, é natural que a terminologia então usada, pareça hoje inadequada. A melhor forma de respeitar a opinião dos entrevistados de cada época é preservar o contexto em que a informação foi coletada. Apesar da restrição artística imposta pela estrutura das perguntas sobre deficiências contidas nos questionários, não nos permitimos retocar os auto-retratos pintados por sucessivas gerações de brasileiros.

Cabe lembrar que perseguimos durante todo texto uma perspectiva inclusiva das pessoas e de suas opiniões. Olhamos mais para potencialidades do que para carências; nos preocupamos mais com os estoques de riqueza do que com a insuficiência da renda; defendemos mais políticas estruturais que possibilitem a geração de renda futura do que políticas que busquem apenas compensar problemas passados. buscamos apreender mais com as respostas diretas das pessoas com deficiência, os verdadeiros protagonistas de sua inclusão social, do que tentar ensiná-las o que elas já sabem, e a maioria de nós ainda não consegue perceber.

Marcelo Neri

Chefe do Centro de Políticas Sociais